



Capítulo 15

Diversidade Sociocultural

Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal nas comunidades São João do Tupé e Central (Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé)

Veridiana Vizoni SCUDELLER

Dra. em Biologia Vegetal; Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Departamento de Biologia – Manaus - AM. E-mail: vscudeller@ufam.edu.br.

Josephina Barata da VEIGA

Doutoranda em Botânica INPA. E-mail: myrciariadubiahbk@hotmail.com

Lúcia Helena de ARAÚJO-JORGE

Bióloga. E-mail: lucia_helenaz2@hotmail.com

RESUMO - É provável que a utilização das plantas como medicamento seja tão antiga como o próprio homem. Numerosas etapas marcaram a evolução da arte de curar, tornando difícil delimitá-las com exatidão, já que a medicina esteve há muito tempo associada às práticas mágicas, místicas e ritualísticas. O presente trabalho teve por objetivo o levantamento etnobotânico sobre o conhecimento e uso das plantas medicinais em duas comunidades da RDS do Tupé: a Colônia Central e a São João do Tupé. Após entrevistas a 37 moradores, sendo 18 da Comunidade São João do Tupé e 19 da Colônia Central, foram levantadas 102 etnoespécies de uso medicinal, que resultou em 86 espécies botânicas pertencentes a 79 gêneros (sendo *Plectranthus* e *Hymenaea* com 3 espécies cada e *Mentha*, *Jatropha*, *Cymbopogon* e *Citrus* com 2 espécies cada) reunidos em 52 famílias. Vale destacar que 31 espécies foram citadas apenas uma única vez, 36 foram citadas exclusivamente pela São João, e 28 exclusivas à Colônia Central. As frações das plantas mais utilizadas no preparo dos remédios foram as folhas (61,9%). As plantas foram utilizadas principalmente no tratamento de inflamações e dores, doenças gastrintestinais e doenças relacionadas ao fígado e rins. A principal forma de preparo dos remédios a partir das

plantas medicinais é através da decocção (58,5%), seguida de infusão e da maceração (8,4% cada) e puro (5,9%). Algumas plantas têm aplicação restrita e são utilizadas no tratamento de uma só doença (38 espécies), enquanto outras oferecem aplicações mais amplas como a copaíba (*Copaifera multijuga* Hayne) e a salva-de-marajó (*Hyptis crenata* Pohl ex. Benth), que foram indicadas para o tratamento de sete enfermidades cada.

PALAVRAS-CHAVE: plantas de uso medicinal; etnobotânica; conhecimento tradicional; Amazônia Central; botânica econômica

Introdução

É provável que a utilização das plantas como medicamento seja tão antiga como o próprio homem. Numerosas etapas marcaram a evolução da arte de curar, tornando difícil delimitá-las com exatidão, já que a medicina esteve há muito tempo associada às práticas mágicas, místicas e ritualísticas. Consideradas ou não seres espirituais, as plantas, por suas propriedades terapêuticas ou tóxicas, adquiriram fundamental importância na medicina popular (Gonçalves & Martins, 1998).

O uso de plantas medicinais pela população mundial tem sido muito significativo nos últimos anos. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) registram que 80% da população mundial fazem uso de algum tipo de erva em busca de alívio para alguma sintomatologia (Gonçalves & Martins, 1998). No Brasil, desde a época do descobrimento, os colonizadores observavam e anotavam o uso freqüente de ervas pelos Índios (Alzugary & Alzugary 1983 *apud* Silva, 1997). Uma média de 2.000 espécies é usada na Bacia Amazônica, enquanto que em torno de 500 espécies são usadas na China (Schultes & Raffauf, 1990).

Quando devidamente utilizadas “as plantas medicinais brasileiras não curam apenas, fazem milagres”. Com esta célebre frase, Von Martius definiu bem a capacidade de nossas ervas medicinais e reflete a fé das pessoas que delas fazem uso. Todos que vivem na Amazônia apresentam algum conhecimento das plantas de que precisam para sobreviver, entretanto os que

detêm a sabedoria são aqueles chamados de pajés, xamãs, curandeiros, feiticeiros, benzedeiros, rezadeiras que consideram as plantas como seres sensíveis e sensitivos (Borrás, 2003).

Além de possuir uma grande riqueza biológica formada pelos ambientes naturais, a floresta amazônica possui uma grande riqueza cultural proveniente do conhecimento das populações locais que residem na região. Essa biodiversidade desempenha um papel fundamental no contexto econômico, social e cultural das populações tradicionais amazônicas, muitas vezes constituindo-se a única fonte de recursos para a sua sobrevivência (Lisboa *et al.*, 2002).

A escolha de um local na bacia do rio Negro para este estudo baseia-se no fato de que a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Tupé, além de ser uma unidade de conservação e estar próxima à cidade de Manaus, o que facilita seu acesso, hoje está sujeita à forte pressão antrópica relacionada às atividades do turismo e a influência direta do crescimento urbano da cidade de Manaus. Uma vez que, segundo Lisboa *et al.* (2002), mesmo sendo o homem um elemento chave para a conservação da floresta, o fato é que são ainda poucos os registros que descrevem a forma de vida das populações ribeirinhas que vivem no interior de unidades de conservação, como o presente estudo.

Com base nestes aspectos, o trabalho objetivou realizar estudo etnobotânico das espécies utilizadas para fins medicinais de forma a contribuir na valorização do conhecimento



local e na identificação dessas plantas em duas comunidades da RDS do Tupé: a Colônia Central e a São João do Tupé.

Metodologia

Área de estudo

Os habitantes das comunidades estudadas se caracterizam de um modo geral, por serem agricultores ou, mais especificamente no caso da comunidade São João, alguns vivem do comércio de fim de semana restrito à temporada de existência de praia e outros são aposentados ou funcionários públicos dos poucos serviços presentes na comunidade. Mesmo em anos de seca acentuada o lago permanece com áreas com profundidade média em torno de quatro metros, por ser alimentado por vários igarapés que nele deságuam.

A comunidade São João (SJ) situa-se na porta de entrada para a RDS Tupé, mais precisamente às margens do rio Negro e lago Tupé, sendo limitada por praia, mata de igapó e terra firme. Suas residências estão à beira do lago ou agrupadas na pequena vila que está se estruturando nas proximidades da praia do Tupé.

Segundo Scudeller *et al.* (2005), em um levantamento socioeconômico preliminar de 2002, a comunidade São João do Tupé compreendia 31 famílias e a comunidade Colônia Central (CC) 24. O tamanho médio das famílias da comunidade São João é muito similar ao das observadas na Central, aproximadamente quatro pessoas por família. As maiores famílias compostas por 11 pessoas foram observadas na Central. Mas famílias grandes assim foram relativamente raras em ambas comunidades. Famílias de uma pessoa foram mais frequentes em ambas comunidades, mas na Central, somadas, havia mais famílias de 2-4 pessoas.

Quanto ao lugar de origem, a maioria dos entrevistados em ambas comunidades é amazonense, cerca de 17% do total de entrevistados nasceram em Manaus, e entre os amazonenses entrevistados na Central, metade eram indígenas do alto Rio Negro (Desãna, Tukano e Tuyuka), que migraram recentemente (depois deste

levantamento eles se deslocaram mais uma vez, se mudando para a São João). Somado aos nascidos em outros estados da região (Pará, Roraima), há mais nortistas na São João, que na Central. Na Central há mais nordestinos (Maranhão, Piauí), do que na São João (Ceará). Amazônidas e migrantes partilham um modo de vida ligado à agricultura familiar, extração de produtos da floresta, caça e pesca.

O acesso regular às duas comunidades é feito unicamente por via fluvial. No período de seca estas comunidades ficam isoladas. Seus moradores têm que fazer longas caminhadas para ter acesso aos locais onde os barcos conseguem chegar. Nesta época quase todos os comunitários que possuem casa própria ou de algum parente em Manaus se mudam temporariamente para esses locais até que o nível das águas volte a permitir o tráfego regular das embarcações e eles possam retornar às suas atividades nas comunidades.

Coleta de dados e determinação botânica

Foram realizadas entrevistas por meio de questionários estruturados e semi-estruturados sobre as plantas de uso medicinal, aplicadas no ano de 2004 em duas comunidades da RDS Tupé. Para a entrevista foi selecionado um morador de cada residência, geralmente o mais velho. Ao todo foram entrevistados 37 moradores, sendo 17 da SJ (desses 8 homens e 9 mulheres) e 20 da CC (desses 15 homens e apenas 5 mulheres).

As espécies vegetais referenciadas pelos moradores nas entrevistas e apontada por eles em caminhada no quintal de suas residências e, ou, no interior da mata foram coletadas segundo as normas de herborização proposta por Mori *et al.* (1989). Os indivíduos coletados encontram-se depositados no Herbarium G.T. Prance do CEULM/ULBRA e no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Quando possível esses indivíduos foram identificadas ao nível de espécie por meio de literatura especializada (Joly, 1976; Branch & Silva,

1983; Ribeiro *et al.*, 1999; Lorenzi, 2002; Silva, 2003) e consulta ao Herbário do INPA.

Os moradores entrevistados ajudaram no reconhecimento de algumas espécies e as dúvidas sobre as etnoespécies foram esclarecidas em reunião realizada na Sede dos Moradores das comunidades e em conversas informais. A confirmação da grafia dos nomes científicos e dos autores foi realizada por meio de consulta ao Internacional Plant Names Index (INPI, 2004).

Análise dos dados

Para estimar a diversidade de uso das plantas entre as comunidades foram calculados os índices de Shannon-Weaver através do programa PC-ORD versão 4.0. ($H' = - \sum p_i \ln p_i$, onde p_i = proporção de citações por morador). Para comparar a diversidade (H') entre as comunidades foi realizado o teste t (Magurran, 1988).

Para análise da similaridade entre as comunidades foi calculado o índice de similaridade de Jaccard (Magurran, 1988; Brower *et al.*, 1997), que consiste na divisão do número de espécies comuns (c) pela somatória das espécies exclusivas da comunidade A (a), mais as exclusivas da comunidade B (b), mais as espécies comuns (c), tudo multiplicado por 100. ($ISJ = [c / (a+b+c)] \times 100$)

Resultados e discussão

É notável a importância das plantas de uso medicinal para os moradores da RDS do Tupé. Nas comunidades SJ e CC foram citadas 102 etnoespécies de uso medicinal, que resultou em 86 espécies botânicas pertencentes a 79 gêneros (sendo *Plectranthus* e *Hymenaea* com 3 espécies cada e *Mentha*, *Jatropha*, *Cymbopogon* e *Citrus* com 2 espécies cada) reunidos em 52 famílias (Tab. 1). Esse número é bastante significativo, uma vez que outros estudos realizados na região amazônica encontraram riqueza de espécies utilizadas para fins medicinais semelhante ou menor. Lisboa *et al.* (2002) verificaram que, das três comunidades estudadas em Caxiuanã, PA, eram manejadas em torno de 108 espécies vegetais. Smith (1996), em seu estudo das plantas de uso medicinal cultivadas

nos pomares de 18 comunidades na parte central do Rio Amazonas, identificou 80 espécies. Anderson & Posey (1985) contabilizaram 68 espécies na Ilha das Onças, próxima a Belém - PA.

Das plantas utilizadas pelos comunitários da RDS Tupé, as famílias que apresentaram maior riqueza de espécies foram: Lamiaceae (19,23%), Fabaceae (17,30%), e Asteraceae (9,61%). Apenas 18 famílias estiveram representadas por mais de duas espécies no presente levantamento. Já Lisboa *et al.* (2002), encontraram Lamiaceae, Rutaceae, Asteraceae e Euphorbiaceae como as famílias mais ricas em espécies medicinais, no levantamento realizado em Caxiuanã - PA.

Entre as duas comunidades, o boldo (*Vernonia condensata* Baker), o amapá (*Brosimum parinarioides* Ducke), o capim-santo (*Cymbopogon citratus* Stapf), a cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Brown), a copaíba (*Copaifera multijuga* Hayne), a andiroba (*Carapa guianensis* Aublet) e a coirama (*Kalanchoe brasiliensis* Cambess), foram as etnoespécies mais citadas (Tab. 2). Vale destacar que 31 espécies foram citadas apenas uma única vez e 36 foram citadas exclusivamente pela comunidade SJ. Já a comunidade CC citou exclusivamente 28 espécies. Apesar de Scudeller *et al.* (2005) destacam que a comunidade SJ tem aproximadamente 40 anos de formação e a CC apenas 15. Já Rebêlo *et al.* (2005), a partir de relatos dos próprios comunitários, mencionam que o ramal da Colônia Central foi aberto em 1994 e que em 1998 foi criada a Associação dos Moradores da Colônia Central e que a comunidade São João criou a Associação dos moradores em 1987 e, segundo depoimentos do seu Glicério, que se diz o primeiro morador da São João, seu estabelecimento se deu em 1963.

A similaridade entre as duas comunidades em relação às plantas de uso medicinal é baixa (0,356 – Tab. 3.) Isso pode estar refletindo que, além do tempo de estabelecimento das comunidades ser diferente, existe uma falta de interação entre as duas comunidades estudadas, principalmente devido à localização das mesmas, sendo a São João voltada para o lago e a Central, como o próprio nome



reflete, é uma comunidade no interior da mata de terra firme, com saída no período da seca facilitada pela comunidade Julião na beira do Tarumã-Mirim. Isso também foi constatado por Terra & Rebêlo (2005), em seu estudo de uso de recursos animais pelas mesmas duas comunidades aqui estudadas. Os autores verificaram que a comunidade São João usa mais animais que a Colônia Central (40

e 37, respectivamente), mas que a diferença entre as diversidades (H') não é significativa. Dessas, segundo os autores, 23 espécies animais são usadas na medicina tradicional e a similaridade em relação à citação dos animais de uso medicinal entre as comunidades também é baixa (0,36), porém semelhante ao encontrado neste estudo.

Tabela 1: Lista das etnoespécies de uso medicinal da RDS Tupé; i= introduzida, c= cultivada, n= nativa; SJ = Comunidade São João do Tupé; CC = Comunidade Colônia Central; % = total de citações expressas em porcentagem.

Nome vulgar	Família	Espécie	tipo	citações		%
				SJ	CC	
abacate	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	i, c	1	1	0,67
abóbora	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita pepo</i> L.	i, c	0	1	0,33
abuta	Menispermaceae	<i>Abuta grandifolia</i> (Mart.) Sandwith	n	1	0	0,33
açaí	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	n, c	1	3	1,34
algodão	Malvaceae	<i>Gossypium barbadense</i> L.	i, c	0	1	0,33
algodão-roxo	Malvaceae	<i>Gossypium arboreum</i> L.	i, c	1	1	0,67
alho	Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	i	1	1	0,67
amapá	Moraceae	<i>Brosimum parinarioides</i> Ducke	n	2	8	3,34
amor-crescido	Portulacaceae	<i>Portulaca pilosa</i> L.	i	4	2	2,01
anador	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Benth.	i	2	1	1
andiroba	Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aublet	n	5	3	2,68
arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	i, c	6	0	2,01
babosa	Liliaceae	<i>Aloe vera</i> L.	i	3	1	1,34
banana	Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	i, c	1	0	0,33
batatinha	Poaceae	Indeterminada	i	0	1	0,33
boldo-africano	Asteraceae	<i>Vernonia condensata</i> Baker	i, c	6	5	3,68
boldo-pequeno	Labiatae	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	i, c	1	0	0,33
breu	Burseraceae	<i>Protium</i> spp.	n	2	0	0,67
catinga-de-mulata	Lamiaceae		i	4	0	1,34
café	Rubiaceae	<i>Coffea canephora</i> Pierre ex A. Froehner	i, c	2	0	0,67
caju	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	i, c	1	0	0,33
cana-mansa; pobre-velho	Costaceae	<i>Costus spicatus</i> Sw.	i	2	3	1,67
capim-de-cheiro	Poaceae	<i>Cymbopogon</i> cf. <i>nardus</i> (L.) Rendle	i, c	1	0	0,33
capim-limão; capim-santo	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf	i, c	7	4	3,67
caápitui	Monimiaceae	<i>Siparuna</i> sp.	n	1	0	0,33

Tabela 1: Continuação

Nome vulgar	Familia	Espécie	tipo	citações		%
				SJ	CC	
carapanaúba	Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth. ex Müll. Arg.	n	1	6	2,34
castanheira	Lecythidaceae	<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	n	1	1	0,67
cibalena	Asteraceae	<i>Chrysanthemum</i> spp.	n	3	0	1
cidreira	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Brown	i, c	6	4	3,34
cipó-alho	Bignoniaceae	<i>Adenocalymma alliaceum</i> Miers	n	3	0	1
cipó-tuíra	Convolvulaceae	<i>Bonamia ferruginea</i> (Choisy) House	n	2	2	1,34
cipotaia	Capparidaceae	<i>Capparis urens</i> Barb. Rodr.	n	0	1	0,33
coco	Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	i, c	1	0	0,33
copaiba	Fabaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	n	5	4	3,01
corama	Crassulaceae	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess	i, c	3	5	2,68
crajiru	Bignoniaceae	<i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verl.	n	4	0	1,34
cua-mansa	Asteraceae	<i>Acanthospermum</i> sp.	i	1	1	0,67
cumaru	Fabaceae	<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.	n	1	2	1
dipirona	Indeterminada		i	2	2	1,34
embaúba	Cecropiaceae	<i>Cecropia</i> sp.	n	2	1	1
erva-de-passarinho	Loranthaceae	<i>Phthirusa pyryfilia</i> Eich.	n	2	0	0,67
escada-de-jabutí; cipó-de-jabutí	Fabaceae	<i>Bauhinia guianensis</i> Aubl.	n	3	4	2,34
escorrega-macaco	Fabaceae	<i>Peltogyne paniculata</i> Benth.	n	2	0	0,67
goiaba	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	i	2	0	0,67
guaribinha	Polypodiaceae	<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J. Sm.	n	0	2	0,67
hortelã	Lamiaceae	<i>Mentha piperita</i> L.	i, c	6	1	2,34
hortelã-roxo	Lamiaceae		i, c	0	1	0,33
hortelãzinho	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	i, c	4	0	1,34
jacarandá	Fabaceae	<i>Dalbergia spruceana</i> (Benth.) Benth.	n	0	1	0,33
jambú	Asteraceae	<i>Spilanthes acmella</i> Murr.	i, c	0	1	0,33
japana-branca	Asteraceae	<i>Eupatorium ayapana</i> Veuten	n	0	2	0,67
jaraquicaá	Caryophyllaceae	<i>Drymaria cordata</i> (L.) Willd. ex Schult.	x	1	0	0,33
jatobá	Fabaceae	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	n	1	2	1
jucá	Fabaceae	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	n	2	1	1
jurubeba	Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	n	0	1	0,33
jutaí	Fabaceae	<i>Hymenaea</i> spp.	n	0	1	0,33



Tabela 1: Continuação

Nome vulgar	Família	Espécie	tipo	citações		%
				SJ	CC	
laranja	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> Osbeck	i, c	1	0	0,33
lima	Rutaceae	<i>Citrus aurantifolia</i> Swingle	i, c	0	1	0,33
malvarisco; hortelã-grande	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> Lour	i, c	3	1	1,33
mamão	Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	i, c	2	0	0,67
mangarataia	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	i, c	2	2	1,34
manjerição	Lamiaceae	<i>Ocimum micranthum</i> Willd.	i, c	4	1	1,67
maracujá	Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	i, c	0	2	0,67
mastruz	Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> Bert. ex Stend	i, c	3	3	2,01
meracilina	Indeterminada		x	2	0	0,67
mutuquina	Acanthaceae		x	5	1	2,01
óleo-elétrico	Piperaceae	<i>Piper cf. callosum</i> Ruiz & Pav.	i	2	0	0,67
oriza	Lamiaceae	<i>Pogostemon patchouly</i> Pellet.	i, c	0	1	0,33
palmeirinha	Iridaceae	cf. <i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	x	1	2	1
pau-prá-tudo; prá-tudo	Indeterminada		n	0	4	1,34
peão-branco	Euphorbiaceae	<i>Jatropha curcas</i> L.	i, c	0	1	0,33
peão-roxo	Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	i, c	3	0	1
pimenta-malagueta	Solanaceae	<i>Capsicum frutescens</i> L.	i	1	0	0,33
piquiá	Caryocaraceae	<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers.	n, c	1	2	1
pluma	Lamiaceae		i	2	0	0,67
preciosa	Lauraceae	<i>Aniba canelilla</i> (Kunth) Mez	n	2	0	0,67
quebra-pedra	Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	n	3	0	1
quina-quina	Apocynaceae	<i>Geissospermum sericeum</i> Benth. & Hook. f. ex Miers	n	1	1	0,67
rinchão	Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	i	1	0	0,33
romã	Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	i	0	2	0,67
rosa-menina	Rosaceae		i	1	0	0,33
sacaca	Euphorbiaceae	<i>Croton cajucara</i> Benth.	n	2	1	1
salva-de-marajó	Lamiaceae	<i>Hyptis crenata</i> Pohl ex. Benth.	x	3	3	2,01
samambaia-brava	Sellaginaceae	<i>Selaginela</i> spp.	n	0	1	0,33
saracura-mirá	Rhamnaceae	<i>Ampelozizyphus amazonicus</i> Ducke	n	3	2	1,67
saratudo	Malpighiaceae	<i>Byrsonima intermedia</i> L.	n	0	3	1
sena	Fabaceae	<i>Senna alexandrina</i> Mill.	i	2	0	0,67
sucuuba	Apocynaceae	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce) Woodson	n	3	3	2,01

Tabela 1: Continuação

Nome vulgar	Família	Espécie	tipo	citações		%
				SJ	CC	
tartaruguinha	Indeterminada		x	0	2	0,67
trevo-cumaru	Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	n	0	1	0,33
trevo-roxo	Acanthaceae		x	3	0	1
uchi	Humiriaceae	<i>Endopleura uchi</i> (Humber) Cuatrec.	n	0	1	0,33
unha-de-gato	Rubiaceae	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem & Schult) DC	i	2	0	0,67
vassourinha	Scrophulariaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	n	0	3	1
vindicá	Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burt & R.M.Sm.	x	1	0	0,33
xixuá	Celastraceae	<i>Maytenus guianensis</i> Klotzch	n	0	1	0,33

Tabela 2: As 15 etnoespécies de uso medicinal com mais de 6 citações de uso (2% do total) pelas comunidades São João do Tupé e Colônia Central na RDS Tupé, ordenadas pelo total de citações, a partir de um levantamento realizado no ano de 2004.

Etnoespécie	Total de citações
boldo	11
amapá	10
capim-santo	10
cidreira	10
copaiba	9
andiroba	8
coirama	8
carapanaúba	7
hortelã	7
arruda	6
amor-crescido	6
mastruz	6
mutuquinha	6
salva-de-marajó	6
sucuuba	6

Tabela 3: Diversidade de plantas de uso medicinal utilizadas pelas Comunidades São João do Tupé (SJ) e Colônia Central (CC) na RDS Tupé, a partir de um levantamento realizado no ano de 2004.

	SJ	CC
Riqueza de espécies (s)	72	64
Citações (N)	172	127
Shannon-Weaver (H')	4,1	3,89
Similaridade Jaccard	0,356	

Como pode ser observado na Tabela 1, do total de etnoespécies levantadas nas entrevistas na RDS Tupé, 42% das espécies são nativas e 50% introduzidas, e 8% ainda permanecem indeterminadas. O grande uso de plantas introduzidas é bem difundido entre as populações da Amazônia (Amorozo & Gély, 1988) e também entre os caiçaras da Mata Atlântica (Rossato *et al.* 1999). Silva (2003) observou que populações do médio Rio Negro utilizam mais de 50% de espécies medicinais introduzidas. Esse fato também ocorre em populações caiçaras (Begossi *et al.*, 2002). Lisboa *et al.* (2002), em Caxiuana encontraram que



55% das plantas manejadas nas três comunidades estudadas eram exóticas. Smith (1996), na parte central do Rio Amazonas, reconheceu que 62% das espécies utilizadas nas 18 comunidades estudadas não eram nativas.

Na CC é maior o uso de plantas nativas como remédio. Porém, na comunidade SJ o uso das plantas introduzidas é maior.

Nas comunidades estudadas, embora o emprego de plantas com fins terapêuticos seja importante no cotidiano da maioria, percebe-se uma forte influência dos costumes trazidos da capital. Isso se deve principalmente ao fluxo muito grande de pessoas que viajam a Manaus, devido à sua proximidade. Esta situação reflete diretamente sobre as questões ligadas aos costumes tradicionais e vida cotidiana, uma vez que facilita o acesso aos medicamentos industrializados. Podemos notar que o conhecimento sobre as ervas está ficando cada vez mais isolado tornando, às vezes, difícil resgatar e difundir o conhecimento para os mais jovens.

Essa combinação de usos de plantas nativas e introduzidas mostra a mistura do conhecimento tradicional, com a incorporação de espécies trazidas de outros continentes (Amorozo & Gély, 1988). Segundo Figueiredo *et al.* (1993), em comunidades próximas às cidades, poucas pessoas dependem exclusivamente da coleta de plantas para alimento e medicamento. Além disso, neste estudo, os moradores de ambas as comunidades utilizam medicamentos do posto de saúde que existe na Comunidade São João e, quando necessário, e possível, recorrem aos médicos de Manaus.

A maioria das plantas medicinais foi encontrada ao redor das casas em quintais e roçados, e as demais em áreas de florestas primárias, secundárias ou zonas antropizadas - margens do ramal e cultivos abandonados. Em geral, essas plantas encontradas ao redor das casas são introduzidas e cultivadas em canteiros, variando o número de espécies de acordo com o interesse do comunitário. A espécie encontrada com maior frequência nos canteiros foi o boldo, muito utilizado no tratamento de doenças gastrointestinais (Tab. 4). Entre as plantas nativas

de uso medicinal, a maioria é encontrada na terra firme e uma pequena parcela em capoeiras e igapós. No entanto, algumas espécies nativas também são cultivadas, como o açaí (*Euterpe precatoria* Mart.) e o piquiá (*Caryocar villosum* (Aubl.) Pers.).

As frações das plantas mais utilizadas no preparo dos remédios foram as folhas (61,9% do total das formas de preparo) (Fig. 1), onde segundo Gonçalves & Martins (1998) geralmente estão concentrados grande parte dos princípios ativos. Outra parte bastante usada foi a casca (14,3%). Interessante notar que a Comunidade CC, mesmo apresentando um número de citações de plantas de usos medicinais menor, quando comparada à SJ, apresentou uma diversidade de partes da planta utilizada muito superior a outra comunidade.

As plantas são utilizadas principalmente no tratamento de inflamações e dores, doenças gastrointestinais e doenças relacionadas ao fígado e rins (Fig. 2). Em populações caiçaras um grande número de espécies também foi citado para doenças associadas a febres e dores (Begossi *et al.*, 2002). Plantas medicinais para o tratamento de doenças gastrointestinais são freqüentemente utilizadas por populações indígenas como os Yanomami (Ankli *et al.*, 1999).

Segundo os moradores, o mal que mais atinge a comunidade é a malária. São conhecidas seis espécies utilizadas para o alívio dos sintomas e para "fortificar o sangue", além das quatro citadas especificamente para essa doença. São elas: carapanaúba (*Aspidosperma nitidum* Benth. ex. Müll. Arg.), pau-prá-tudo (indeterminado), saracurá (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke), cipó-tuíra (*Bonamia ferruginea* (Choisy) House), açaí (*Euterpe precatoria* Mart.) e côco (*Cocos nucifera* L.) (Tabela 4).

A principal forma de preparo dos remédios das plantas medicinais é através da decocção (58,5%) (Fig. 3). Em outras comunidades amazônicas também foi observado que doenças internas são tratadas principalmente através do preparo de chás (Amorozo & Gély, 1988; Lisboa, 2002) e também em comunidades que vivem na Mata Atlântica (Rosa *et al.*, 1991). Alguns também

são preparados através de infusão e maceração (8,4% cada) e puro (5,9%). Veiga *et al.* (2007), ao realizarem levantamento etnobotânico no entorno da Reserva Florestal Adolpho Ducke, constataram que as plantas de uso medicinal dos quintais das casas são consumidas de modo mais frequente

sob a forma de chá por infusão para tratar os mais variados tipos de doenças tais como as dos sistemas nervoso, respiratório e, principalmente, do sistema digestivo.

Algumas plantas têm aplicação restrita e são utilizadas para o tratamento de uma só doença

Tabela 4: Relação das plantas de uso medicinal nas comunidades São João e Colônia Central da RDS Tupé, especificando a parte da planta que é utilizada (droga vegetal), como preparar e seus usos, a partir do levantamento realizado nas comunidades no ano de 2004.

Etnoespécies	Droga vegetal	Preparo	Uso(s)
abacate	folha	decocção	anemia
abóbora	semente	terra e come	vermífugo
abuta	flor	decocção	diarréia, dor, inflamação
açaí	raiz	decocção	depura o sangue, anemia, desinflama o fígado
algodão	folha	decocção	gripe forte, dor muscular, infecção nos rins
algodão-roxo	folha	decocção	gripe
alho	folha	maceração	gripe
amapá	exudato	(1) decocção (2) bate com mastruz (3) puro	(1) tuberculose (2) gripe (3) tosse, garganta, câncer, pulmão, diabete, estômago
amor-crescido	folha	(1) decocção (2) pilado	(1) gastrite, queda de cabelo (2) cicatrizante.
anador	folha	decocção / maceração	dor, febre
andiroba	semente	óleo	pneumonia, gripe do peito, ferimento interno, catarro
arruda	folha	(1) decocção (2) tintura	(1) mãe do corpo, dor de estômago, cólica de criança (2) dor de estômago
babosa	folha	(1) decocção	(1) asma, queda de cabelo, câncer, gastrite (2) arranca febre
banana	exudato	puro	cicatrizante, queimadura
batatinha	raiz	decocção	diarréia
boldo-africano	folha	decocção	desinflamar o fígado, dor de estômago
boldo-pequeno	folha	infusão	dor de estômago
breu	exudato	decocção	gripe
catinga-de-mulata	folha	infusão	dor de estômago, mãe do corpo, cólica
café	folha	decocção	pressão alta
caju	casca	infusão	diarréia, cicatrizante
cana-mansa; pobre-velho	(1) folha; (2) raiz	decocção	(1) infecção urinária; (2) fígado
capim-de-cheiro	folha	maceração	inflamação
capim-limão; capim-santo	folha	decocção	gases, calmante
caápitiú	folha	decocção	limpa o corpo
carapanaúba	casca	decocção	fígado, malária
castanheira	casca	decocção	resfriado, inflamação
cibalena	folha	decocção	febre
cidreira	folha	decocção	calmante, dor de barriga



Tabela 4: Continuação

Etnoespécies	Droga vegetal	Preparo	Uso(s)
cipó-alho	folha	decocção	gripe, inflamação
cipó-de-jabutí	casca	decocção	inflamação, asseio
cipó-tuíra	folha	decocção	anemia, controle sangue, fígado, rins, inflamação
cipotaia	raiz	tintura	reumatismo
coco	fruto	puro	depura o sangue
copaiba	exudato	óleo	pneumonia, inflamação, golpe, tosse, inchaço, garganta, cicatrizante
corama	folha	(1) decocção (2) sumo (3) batido com leite moça	(1) analgésico, inflamação nos ossos, antiinflamatório (2) gripe (3) gastrite
crajiru	(1) folha seca, (2) folha verde	decocção	(1) anemia, (2) inflamação
cuia-mansa	folha	maceração	tira aborrecimento
cumarú	semente	(1) decocção, (2) tintura	(1) pneumonia, dor de ouvido (2) dor de cabeça
dipirona	folha	decocção	febre, dor de cabeça
embaúba	folha	(1) decocção, (2) infusão	(1) para tirar catarro, (2) inflamação no útero
erva-de-passarinho	folha	sumo	câncer no estômago
escada-de-jabutí; cipó-de-jaboti	casca	(1) decocção (2) incenso	(1) estômago, diurético, fortalece útero, ameba, (2) defumação
escorrega-macaco	folha	decocção	estômago
goiaba	folha	decocção	dor de barriga
guaribinha	folha	decocção	tosse, rouquidão, bronquite
hortelã	folha	decocção	gripe, intestino, estômago, febre
hortelã-roxo	folha	decocção	hemorragia
hortelãzinho	folha	decocção	chazinho de bebê
jacarandá	folha	decocção	diarreia
jambú	folha	decocção	fígado
japana-branca	folha	decocção	estômago, fígado
jaraquicaá	folha	pilado	estômago, má digestão
jatobá	(1,2) casca, (3) fruto	(1,3) decocção, (2) xarope	(1) rins, asseio mulher, inflamação (2) gripe, (3) tosse
jucá	(1) fruto, (2) folha	(1) xarope (2) infusão, quebra e coloca de molho	(1) inflamação, baque (2) falta de ar, estômago
jurubeba	folha, raiz	decocção	artrose, coluna, rins, inflamação
jutaí	fruto	maceração	inflamação
laranja	casca	decocção	fígado
lima	folha	decocção	calmante
malvarisco; hortelã-grande	folha	(1) decocção; (2) xarope	(1) gripe, dor de cabeça; (2) inflamação
mamão	raiz	infusão	verminose, coceira
mangarataia	(1) raiz, (2) folha	(1, 2) decocção (1) sumo com limão	(1) gripe, asma, cólica menstruação (2) resfriado
manjeriçó	folha	(1) decocção, sumo (2) maceração	(1) anemia, dor de estômago (2) gripe, banho
maracujá	folha	decocção	coração, nervoso, gastrite

Tabela 4: Continuação

Etnoespécies	Droga vegetal	Preparo	Uso(s)
mastruz	folha	decocção	estômago, verme, pneumonia, cicatrizante, gripe, dor, tosse, bronquite
meracilina	folha	decocção	ferida
mutuquinha	folha	(1,2) decocção (2) sumo	(1) dor de ouvido, infecção urinária, mãe do corpo, (2) hemorragia
óleo-elétrico	folha	pilado morno	dor de ouvido
oriza	folha	decocção	calmante, depressão
palmeirinha			
pau-pra-tudo; prá-tudo	(1) folha; (2) casca	(1) decocção; (2) infusão	(1) fortificante, malária; (2) malária, má digestão, gripe
peão-branco	folha	(1) sumo (2) decocção	(1) picada de cobra (2) afinar o sangue
peão-roxo	folha	sumo	picada de inseto
pimenta-malagueta	folha	infusão/ tintura	reumatismo
piquiá			
pluma	folha	decocção	câncer
preciosa	folha	decocção	gases, substitui o café
quebra-pedra	folha, raiz	decocção	rins
quina-quina	folha	maceração, decocção	estômago
rinchão	folha	decocção	inflamação, estômago
romã	semente, casca	puro	inflamação na garganta, câncer na garganta
rosa-menina	flor	decocção ou maceração	impaxação
sacaca	(1) folha, (2) casca	(1) decocção, (2) infusão	(1) antiinflamatório, não engravidar (2) estômago, fígado, intestino (ameba)
salva-de-marajó	folha	decocção	diarréia, estômago, mãe do corpo, comida que faz mal, prisão de ventre
samabaia-brava	raiz		câncer, afrodisíaco
saracura-mirá	(1) casca, (2) folha	(1) decocção, infusão (2) sumo	(1) enxaqueca, mazela pelo corpo, depura o sangue e fortifica, malária (2) baque
saratudo	casca	decocção	tudo, inflamação, gastrite
sena	folha	decocção	suspensão menstrual
sucuba	(1) casca, (2) exudato, (3) folha	(1,3) decocção (2) com café	(1) intestino (2) gripe (3) inflamação,
tartaruguinha	fruto	rala e tira a goma	antiinflamatório e tosse
trevo-cumarú	fruto		pneumonia
trevo roxo	folha	(1) decocção (2) pilado morno	(1) ferida na boca, dor, lavagem estomacal, (2) dor de ouvido
uchi	casca	decocção	xarope
unha-de-gato	casca	decocção	calmante
vassourinha	raiz	decocção	infecção urinária
vindicá	folha	maceração	gripe
xixuá	casca	maceração	anemia, canseira

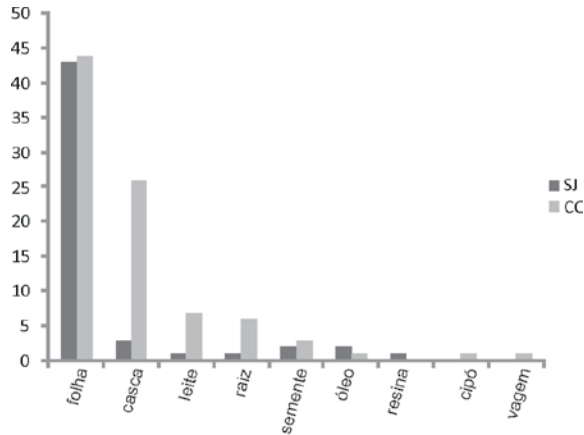


Figura 1: Frações das plantas de uso medicinal utilizadas pelos moradores das Comunidades São João do Tupé (SJ) e Colônia Central (CC) da RDS Tupé.

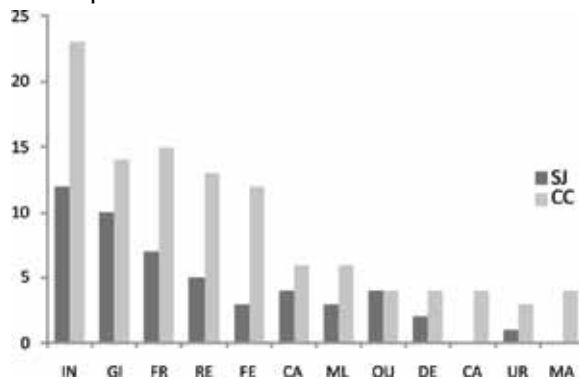


Figura 2: Porcentagem das doenças tratadas por plantas medicinais citadas pelos moradores das comunidades São João do Tupé (SJ) e Colônia Central (CC): IN= inflamações e dores; GI= gastro intestinais; FR= fígado e rins; RE= problemas respiratórios; FE= febres e gripes; CA= problemas cardiovasculares; ML= tratamento para mulheres (relacionados à menstruação); OU=outras (depressão, reumatismo, nervosismo); DE= dermatológicas; CA=câncer; UR= problemas urogenitais; MA= malária.

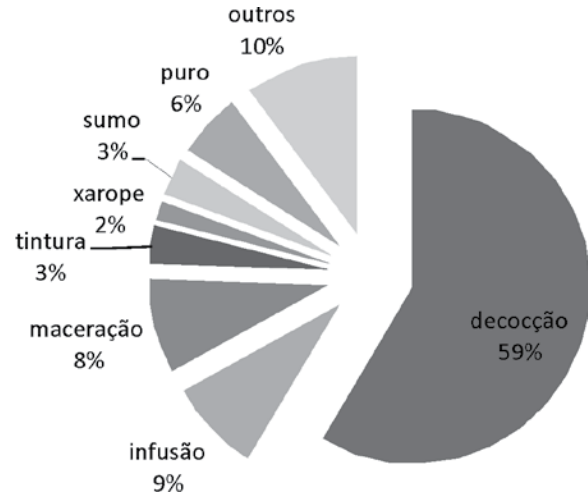


Figura 3: Porcentagem da forma de preparo das plantas medicinais pelos moradores das comunidades São João do Tupé (SJ) e Colônia Central (CC), RDS Tupé.

(Tab. 4). Outras oferecem aplicações mais amplas como a copaíba (*Copaifera multijuga* Hayne) e a salva-de-marajó (*Hyptis crenata* Pohl ex. Benth), que foram indicadas para o tratamento de sete enfermidades cada. Na RDS Tupé algumas plantas medicinais também são utilizadas como alimento e tempero: açai (*Euterpe precatória* Mart.), abóbora (*Curcubita pepo* L.), café (*Coffea canephora* Pierre ex A. Froehner, castanha (*Bertholletia excelsa* Bonpl.), jambu (*Spilanthes acmella* Murr.), manjeriço (*Ocimum micranthum* Willd.), maracujá (*Passiflora edulis* Sims), uchi (*Endopleura uchi* (Humber) Cuatrec.), mamão (*Carica papaya* L.), goiaba (*Psidium guajava* L.), caju (*Anacardium occidentale* L.), piquiá (*Caryocar villosum* (Aubl.) Pers.), entre outros. Esse fato também foi observado em populações do médio Rio Negro e é comum em populações indígenas e rurais (Silva, 2003).

Conclusões

Os moradores das comunidades SJ e CC apresentam conhecimento diversificado sobre as plantas de uso medicinal (102 etnoespécies). Espécies introduzidas predominam entre as plantas medicinais, o que é esperado em populações humanas que vivem próximas a centros urbanos.

Na comunidade SJ poucas plantas de uso medicinal são espécies da floresta. A proximidade de Manaus pode explicar essa menor diversidade, pois em comunidades próximas às cidades, poucas pessoas dependem exclusivamente da coleta de plantas como alimento e medicamento.

Agradecimentos

Agradecemos a todos moradores das Comunidades São João do Tupé e Colônia Central que nos acolheram e colaboraram com nossa pesquisa e a todos que direta ou indiretamente nos ajudaram na conclusão deste trabalho. À FAPEAM pelo auxílio financeiro concedido (processo 958/2005), que possibilitou as idas ao campo e ao Ceulm/Ulbra pela bolsa de iniciação científica concedida à Lúcia Helena Araújo Jorge.

Referências bibliográficas

- Amorozo, M.C.; Gély, A. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brazil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 4(1): 47-131.
- Anderson, A. B.; Posey, D. A. 1985. Manejo de cerrado pelos índios Kayapó. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Botânica* 2(1): 77-98.
- Ankli, A.; Sticher, O.; Heinrich, M. 1999. Medical ethnobotany of the yucatec Maya: Healer's consensus as a quantitative criterion. *Economic Botany* 53(2): 144-160.
- Begossi, A.; Hanazaki, N.; Tamashiro, J.Y. 2002. Medicinal Plants in the Atlantic Forest (Brazil): Knowledge, Use and Conservation. *Human Ecology* 30 (3):281-299.
- Borrás, M.R.L. 2003. Plantas da Amazônia: medicinais ou mágicas - Plantas comercializadas no Mercado Municipal Adolpho Lisboa. Manaus: Editora Valer, Governo do Estado do Amazonas. 322p.
- Branch, L.C.; Silva, M.F. da. 1983. Folk medicine of Ater do Chão, Pará, Brasil. *Acta Amazonica* 13 (5-6): 737-797.
- Brower, J.H.; Zar, C.N.; Von Ende.C.N. 1997. Field and laboratory methods for general ecology. The McGraw-Hill Companies, United States of America. 273 p.
- Figueiredo, G.M.; Leitão-Filho, H.F.; Begossi, A. 1993. Ethnobotany of Atlantic Forest Coastal Communities: Diversity of Plant Uses in Gamboa (Itacuruçu Island, Brazil). *Human Ecology* 21 (4):419-430.
- Gonçalves, M. I. A.; Martins, D. T. O. 1998. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. *Revista Brasileira de Farmácia* 79 (3/4): 56-61.
- INPI. 2004. Disponível em : <http://www.inpi.org/>. Acesso em: 02/06/2004.
- Joly, A.B. 1976. Botânica: introdução à taxonomia vegetal. Editora Nacional, São Paulo, SP. 177 p.
- Lisboa, P.L.B. 2002. Caxiuanã: Populações Tradicionais, Meio Físico e Diversidade Biológica. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, PA. 734 p.
- Lisboa, P.L.B.; Gomes, I.A.; Lisboa, R.G.L.; Urbinati, C.V. 2002. O estilo amazônico de sobreviver: manejo dos recursos naturais. pp. 41-170. In: Lisboa, P.L.B. Natureza, homem e manejo de recursos naturais na região de Caxiuanã, Melgaço, Pará. Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Lorenzi, H. 2002. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas no Brasil. Instituto Plantarum, São Paulo, SP. 368 p.
- Magurran, A.E. 1988. Ecological Diversity and Its Measurements. University Press, Cambridge. 179 p.
- Mori, S.A.; Silva, L.A.M.; Lisboa, G. Coradin, L. 1989. Manual de manejo do herbário fanerogâmico. 2. ed. Centro de Pesquisa do Cacao: Ilhéus. 104p.



- Rebêlo, G.H.; Terra, A. K.; Layme, V. M.G.; Amorim, T.M. 2005. Histórias: narrativas e depoimentos das comunidades São João do Tupé e Colônia Central. pp. 217-238. In: Silva, E. N. dos S.; Aprile, F. M.; Scudeller, V. V.; Melo, S. Biotupé: Meio Físico, Diversidade Biológica e Sócio-cultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central. INPA, Manaus.
- Ribeiro, J.E.L.S.; Hopkins, M.J.G.; Vicentini, A.; Sothers, C.A.; Costa, M.A.S.; Brito, J.M.; Souza, M.A.D.; Martins, L.H.P.; Lohmann, L.G.; Assunção, P.A.C.L.; Pereira, E. C., Silva, C.F.; Mesquita, M.R.; Procópio, L. 1999. Flora da Reserva Ducke: Guia de Identificação das Plantas Vasculares de uma Floresta de Terra Firme na Amazônia Central. INPA, Manaus. 799p.
- Rosa, M. M. T da; Silva, I. M.; Chagas, K. C. 1991. Plantas utilizadas como medicinais no município de Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. XLII Congresso Nacional de Botânica, Goiânia, GO.
- Rossato, S. C.; Leitão-Filho, H. F. & Begossi, A. 1999. Ethnobotany of caiçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). *Economic Botany* 53(4): 387-395.
- Scudeller, V. V.; Aprile, F. M.; Melo, S.; Silva, E. N. dos S. 2005. Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé: Características Gerais. pp. xi-xxi. In: Silva, E. N. dos S.; Aprile, F. M.; Scudeller, V. V.; Melo, S. Biotupé: Meio Físico, Diversidade Biológica e Sócio-cultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central. I NPA, Manaus.
- Silva, E. B. 1997. Uso das plantas medicinais pelos moradores do Engenho Uchôa, Recife. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- Silva, A. L. 2003. Uso de recursos por populações ribeirinhas do Médio Rio Negro. Tese de Doutorado, UNICAMP. Campinas, SP. 220p.
- Schultes, R.E. e R. F. Raffauf 1990. *The Healing Forest: Medicinal and toxic Plants of Northwest Amazonia*. Discorides Press Portland. Oregon, 484p.
- Smith, N.J.H. 1996. Home gardens as a springboard for agroforestry development in Amazonia. *International Tree Crops Journal* 9: 11-30.
- Terra, A. K.; Rebêlo, G. H. 2005. O uso da fauna pelos moradores da Comunidade São João e Colônia Central. pp. 141-153. 2005. In: Silva, E. N. dos S.; Aprile, F. M.; Scudeller, V. V.; Melo, S. Biotupé: Meio Físico, Diversidade Biológica e Sócio-cultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central. INPA, Manaus.
- Veiga, J.B.; Higuchi, M.I.G.; N.Barbosa, K.M. 2007. Conhecimento Etnobotânico de Plantas Cultivadas no Entorno da Reserva Florestal Adolpho Ducke, AM. *Revista Brasileira de Biociências* 5(supl. 1): 426-428.

